

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD

2 e 7 de Março de 2023

FROM THE TERRACE / 1960

DO ALTO DO TERRAÇO

um filme de MARK ROBSON

Realização: Mark Robson *Argumento:* Ernest Lehman *a partir do romance homónimo de John O'Hara (1958)* *Fotografia* (35 mm, DeLux color, CinemaScope): Leo Tover *Som:* Alfre Bruzlin, Harry M. Leonard *Montagem:* Dorothy Spencer *Música:* Elmer Bernstein *Direcção artística:* Maurice Ransford, Howard Richmond, Lyle R. Wheeler *Cenografia:* Paul S. Fox, Wlater M. Scott *Guarda-roupa:* Travilla *Caracterização:* Ben Nye, Helen Turpin *Efeitos visuais:* L.B. Abbott, James B. Gordon *Consultor para a cor:* Leonard Doss *Interpretação:* Paul Newman (David Alfred Eaton), Joanne Woodward (Mary St. John), Myrna Loy (Martha Eaton), Ina Balin (Natalie Benzinger), Leon Ames (Samuel Eaton), Elizabeth Allen (Sage Rimmington), Barbara Eden (Clemmie Shreve), George Grizzard (Alexander "Lex" Porter), Patrick O'Neal (Dr. Jim Roper), Felix Aylmer (James Duncan MacHardie), Raymond Greenleaf (Fritz Thornton), etc.

Produção: Twentieth Century Fox (EUA, 1952) *Produtor:* Mark Robson *Cópia:* DCP, cor, legendada electronicamente em português, 144 minutos *Estreia:* 15 de Julho de 1960, no Paramount Theatre em Nova Iorque *Estreia em Portugal:* 10 de Junho de 1960, no cinema Tivoli, em Lisboa *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Na história filmada de Joanne Woodward e Paul Newman, leia-se na parte da história que o casal de actores partilhou com personagens e enredos de cinema, no cinema, *From the Terrace* é do princípio. Foi o terceiro filme que fizeram juntos, dirigidos por Mark Robson, realizador de umas três dezenas de títulos dos anos 1940 aos 70 finais, mais referido como assistente de montagem de Robert Wise em *Citizen Kane* e *The Magnificent Ambersons* de Orson Welles (no caso deste último para infelicidade de Welles) e depois, no "lado B" da mesma RKO, como assistente de Jacques Tourneur. Foi o produtor Val Lewton quem confiou nele como realizador, iniciado no terror noir de *The Seventh Victim* (1943) quase duas décadas antes do encontro com a dupla Woodward-Newman. Sendo uma produção exímia em termos dos valores convocados, os técnicos e os artísticos, *From the Terrace* "ficou", para memória futura, mais *deles* que de Robson.

Woodward e Newman, Joanne e Paul, conheceram-se na Broadway, em 1953, numa produção teatral de *Picnic* que ambos ensaiavam nos bastidores como actores-substitutos. Na sua vida pública anterior a *From the Terrace*, já tinham experimentado *The Long Hot Summer* de Martin Ritt e *Rally 'Round the Flag, Boys!* de Leo McCarey (1958), do ano em que casaram um com o outro, em que Joanne recebeu o óscar de melhor atriz por *The Three Faces of Eve* (Nunnally Johnson, 1957) e em que Paul viu o seu trabalho – mais tardiamente reconhecido – celebrado em quatro filmes, dos quais um *Cat on a Hot Tin Roof*. No retrato documental do casal realizado em formato de série por Ethan Hawke em tempo de confinamento pandémico, a partir de material sobre a vida de ambos recolhido e supostamente destruído por Paul, aprende-se alguma coisa dessa história contada na relação entre o supostamente verídico e o ficcional. *The Last Movie Stars* (2022) começa notando que *Paul Newman & Joanne Woodward* fizeram juntos dezasseis filmes num espaço de cinquenta anos, três produções da Broadway e muitos programas de televisão. É aí, nos testemunhos repescados às transcrições de entrevistas dos próprios, que se encontra o relato do interesse de Joanne em fazer *From the Terrace*, um pouco para se divertir (por exemplo, usando figurinos esplêndidos), e como Paul, que não apreciou especialmente o guião, não hesitou perante as razões evocadas. Também em finais dessa década de 1960, o actor começou a experiência na realização para a dirigir (*Rachel, Rachel*), correspondendo parte substantiva da filmografia de Newman-realizador a títulos protagonizados por Woodward cuja qualidade de atriz, atriz ele também muito estimava.

Voltando ao chão de *From the Terrace*: com as duas estrelas em contracena, não é dos mais conhecidos filmes da dupla nem sequer dos mais conhecidos filmes do realizador Mark Robson (aqui realizador-produtor)

adaptando um “best-seller” de John O’Hara. Tendo granjeado uma saudável popularidade, não se conhecem grandes defesas da obra, mas existe uma crítica publicada na revista *Nuestro cine* nº 84 em Abril de 1969, quando o filme estreou em Espanha (mais tardiamente do que em Portugal), em que, apontando-lhes as fragilidades de argumento e realização que foram mais ou menos transversalmente notadas, Miguel Marías faz o elogio do filme como melodrama. “O final moralizador e uma típica demagogia não impedem que se trate de um filme bastante interessante” escreve Marías, descrevendo-o como um dos melhores trabalhos tardios de Robson e simultaneamente um filme impessoal que exponencia o “visual da Fox, ao qual deve em grande medida a sua inegável consistência e muitos dos seus atractivos”. Continua: “Como todos os filmes desta produtora e de Mark Robson, encontramos-nos com um filme sólido, com valores de produção de excelência [... como produtor, organizador da produção e realizador] Robson fez um filme bastante ‘neutro’ em termos de planificação e direcção de actores, sem que tal impeça os acessos líricos consubstanciais a todo o melodrama que se preze”. “*Do Alto do Terraço* não é um filme válido como crítica social nem como estudo de personagens humanas individuais, mas sim como melodrama, a um nível digno e aceitável [...]”. É verdade. Tudo começando no magnífico trabalho cromático da fotografia em formato largo – CinemaScope Delux Color, contando-se a experiência técnica de Leonard Doss – e, de facto, no dos actores.

Esqueçamos *O Beijo* de Rodin, à volta do qual o genérico roda prometendo uma falsa pista narrativa mas logo luxuriante no fundo vermelho. Começa por haver a boa surpresa que abre o filme num comboio acompanhando uma desamparada Myrna Loy, num dos seus últimos papéis. Martha Eaton, a mãe de David Alfred Eaton, que, “bêbeda que nem um cacho”, reencontra o filho regressado da guerra à porta da casa da notavelmente disfuncional família em Filadélfia, protagoniza com ele, Paul Newman, e a algo canalha personagem do marido (interpretada por Leo Ames), as primeiras sequências numa espécie de prólogo funcionalmente explicativo do ímpeto de *self made* homem de negócios que norteia o futuro de Alfred em Nova Iorque, mais embrenhado na profissão – e disponível para a subserviência à figura tutelar do patrão milionário – do que na vida amorosa. Será esse o drama que o afasta da mulher com quem casa entretanto, a Mary de Joanne, e aparentemente destrói a graciosidade da personagem dela, conhecida no baile do terraço sem vista desafogada. Os pais Eaton desaparecem do filme depois desse início, mas a presença de Myrna Loy é absolutamente memorável na dignidade que dá à personagem que o filho abandona para se salvar. Vamos fingir que nos reencontramos amanhã, pede ao filho a mulher que também verbalizará não ter heróis, só algumas pessoas de quem gosta. “Tonight didn’t even happen.” Só que sim, essa noite aconteceu. Alfred encontrará em Mary outra mulher forte e não amada, que um dia, já tudo perdido entre eles, resume com eloquência o que ele encontra e não encontra em Natalie (a personagem de Ina Balin) na comparação com ela (podendo ou não ser uma ilação verdadeira): amabilidade/delicadeza (*niceness*) contra honestidade e coragem (*honesty and guts*).

O melodrama constrói-se numa narrativa recheada de elementos condicentes – mitos edipianos, dinheiro, amor e sexo – e os diálogos são inspirados. Na cena do drive-in em que a traição conjugal de Alfred se afirma, as falas são trocadas no espírito às avessas de *Johnny Guitar*: “Do you believe in love at first sight?” “No. I believe in confusion.” No filme dirigido anos depois de *From the Terrace* por Martin Ritt, *Paris Blues*, Joanne e Paul também não ficam juntos embora, ao contrário das suas personagens neste, eles terminem o filme apaixonados um pelo outro. É nesse filme que a despedida na estação lhes fica bem para quem não fica junto. O monólogo é da personagem de Lillian, Joanne-uma americana em Paris, cidade onde fica Ram, Paul-um músico de jazz que escuta olhos nos olhos: “Gostava de te dar um presente de despedida. Talvez não gostes, é-me indiferente. É só isto: nunca me vais esquecer. Vais descer a rua onde te encontrases e vais ver-me, mesmo sabendo que eu não estou lá. E ninguém neste mundo será tão certo para ti como eu fui. Durante doze dias em Paris, no Outono. Porque foi esse o presente que tu me deste.” Parece uma maldição e não é deste filme, é verdade, mas seria a despedida justa de Woodward e Newman se. Em *From the Terrace* o bom momento de despedida não é para sempre e não é entre eles. Está na cena do bosque entre árvores e folhas caídas nuns tons afins do registo melodrama, Hollywood, anos 1950.